

ELSINORE

# Jon McGregor

Finalista do Man Booker Prize

«Um feito literário raro e deslumbrante. Uma obra-prima.»  
George Saunders

# RESERVA TORIO 13

*O rio já corre.  
O melro deve ter começado a voar.*

WALLACE STEVENS

*In memoriam*  
Alistair McGregor  
1945–2015

1.

Juntaram-se no parque de estacionamento uma hora antes do nascer do sol e esperaram que lhes dissessem o que deveriam fazer. Estava frio e não havia muita conversa. Havia perguntas que não estavam a ser feitas. O nome da rapariga desaparecida era Rebecca Shaw. Da última vez que foi vista, envergava uma camisola branca com capuz. Uma neblina baixa pairava na charneca e o solo estava gelado e duro. Foram-lhes dadas instruções e depois avançaram, com as botas a rangerem contra o solo rígido e as marcas da sua passagem a desvanecerem-se quando a urze se voltava a erguer. Ela tinha 1,52 m de altura e cabelo loiro escuro. Estava desaparecida há quatro horas. Mantinham os olhos no chão e não falavam, perguntavam-se o que poderiam encontrar. Os únicos sons eram os dos seus passos, dos cães a ladrarem ao longo da estrada e, muito ao longe, de um helicóptero vindo dos reservatórios. O helicóptero tinha sobrevoado a zona durante toda a noite, com o seu holofote a percorrer urze e riachos castanhos, sem encontrar o que fosse. As ovelhas de Jackson tinham-se assustado e dispersado, fugindo por um portão partido, e ele tinha estado a recolhê-las durante toda a noite. As equipas de salvamento destacadas para as montanhas e para as grutas, assim como

a polícia, não tinham descoberto nada, e, à meia-noite, foi convocada uma busca. Não foi preciso muito para encontrar voluntários. Metade da aldeia já estava na rua a falar sobre o que teria acontecido. Não era altura para se subir ao monte, dizia-se. Algumas das pessoas que por aqui passam não sabem como o tempo pode mudar de repente. Como a noite cai sem se dar conta. Alguns parecem não saber que há sítios onde um telemóvel não funciona. A família da rapariga tinha lá ido passar o Ano Novo, estavam alojados num dos antigos celeiros da quinta dos Hunter, reconvertidos para habitação. Tinham chegado a correr à vila, ao anoitecer, aos gritos. A noite estava demasiado fria para se andar pelo monte. Ela deve estar escondida, só isso, disseram as pessoas. Há de estar no fundo de alguma ravina. Com o tornozelo torcido. Deve estar a querer pregar um susto aos pais. Havia muito disto. As pessoas só queriam abrir a boca e falar, não se preocupavam muito com o que dali podia sair. Ao amanhecer, a neblina tinha-se dissipado. Do cimo da charneca, quando se viravam, as pessoas viam a aldeia: o bosque de faias e as hortas, a torre da igreja e o campo de críquete, o rio e a pedreira e a cimenteira à beira da estrada principal que dava acesso à vila. Prosseguiram. De vez em quando via-se um clarão de luz dos carros na autoestrada, ainda visível no horizonte. Os reservatórios eram de um cinzento metálico uniforme. Começara a cair uma chuva densa. O solo estava agora mais mole, a água oleosa e acastanhada rodeava as suas botas. Um helicóptero da televisão voava a baixa altitude, seguindo a fila de voluntários. Tiveram de se esforçar para não olhar para cima e acenar. Mais tarde, a polícia fez uma conferência de imprensa no Gladstone, mas não tinham nada para anunciar que já não se soubesse. O nome da

rapariga era Rebecca Shaw. Tinha 13 anos de idade. Quando foi vista pela última vez envergava uma camisola branca com capuz e um colete azul-escuro, calças de ganga pretas e sapatos de lona. Tinha 1,52 m de altura, cabelo loiro escuro e liso, pelos ombros. Pedia-se a quem visse alguém que correspondesse a essa descrição que contactasse de imediato a polícia. A busca continuaria quando as condições atmosféricas o permitissem. De noite, à volta da praça central, via-se o brilho dos ecrãs de televisão, o fumo a subir dos geradores e vozes altas vindas do pátio por trás do *pub*. As dúvidas começavam a despontar.

À meia-noite, na passagem de ano, houve fogo de artifício nas aldeias para lá do vale, mas estava demasiado longe para se poder ouvir e ninguém o veio ver. O baile no Centro Comunitário foi cancelado, e embora o Gladstone estivesse cheio, ninguém estava com disposição para festejar. Tony fechou o *pub* à meia-noite e meia e foram todos para casa. Só os polícias ficaram na rua, reunidos em volta das suas carrinhas ou a caminho dos montes, uma vez mais. De manhã, a chuva recomeçou a cair. A água correu pelas camadas tumefactas de turfa, descendo as ravinas e os carreiros na orla da charneca. O rio engrossou com o lodo vindo dos montes e serpenteou pelas represas. Na charneca viam-se bandeirolas a marcar os locais onde os pais diziam ter passado. As bandeirolas enrolavam-se e estendiam-se, com um ruído seco, ao vento. As carrinhas das estações de televisão enchiam o parque de estacionamento do Centro de Informação Turística e os jornalistas começaram a reunir-se. No Centro Comunitário tinham sido dispostas chávenas verdes e pires em cima de mesas com cavaletes, as chaleiras a ferver

e o odor das sanduíches de *bacon* que se propagava no ar, sob a chuva. Na quinta dos Hunter ouviam-se vozes oriundas do antigo celeiro onde os pais estavam alojados, tão altas que os polícias, lá fora, os ouviam. Jess Hunter veio da casa principal com uma caneca com chá. Um helicóptero aproximou-se, vindo dos reservatórios, sobrevoando lentamente as margens do rio e as represas e a pedreira e a mata. Os mergulhadores procuravam no rio, outra vez. Um grupo de jornalistas aguardava um bom plano, por trás de um cordão, perto da ponte, com as câmaras apontadas à água, com a respiração a condensar-se acima das suas cabeças. No campo mais abaixo, dois dos irmãos Jackson estavam ajoelhados ao pé de uma ovelha caída. Ouviu-se o ruído das objetivas das câmaras quando o primeiro mergulhador emergiu, a sua cabeça envolta no capuz molhado do fato de mergulho atravessando lenta e suavemente a água. Apareceu um segundo mergulhador perto da curva do rio, e depois um terceiro. Mergulharam à vez junto da ponte e desapareceram. Os operadores de câmara retiraram as máquinas dos tripés e começaram a arrumar o material. Um dos irmãos Jackson arrancou numa moto-quatro pelo campo fora e mandou os jornalistas embora. O rio corria rápido e abandonado. A cimenteira foi encerrada para se poder fazer uma busca. Passada uma semana surgiram as primeiras campanhas-de-inverno na orla do campo de críquete, embora parecesse ainda faltar muito tempo para o inverno chegar ao fim. Na escola, na sala de convívio, os professores continuavam com o casaco vestido, à espera. O que quer que se pudesse dizer parecia fora de contexto. As condutas do aquecimento central fizeram o ruído a que quase todos estavam habituados e o ambiente na sala ficou mais descontraído.

A professora Dale perguntou à professora French se a sua mãe estava melhor, e a professora French respondeu salientando os aspetos em que esta não apresentava melhoras. Voltou a fazer-se silêncio na sala, preenchido pelo ruído do radiador. A diretora Simpson entrou e agradeceu-lhes por estarem ali tão cedo. Todos disseram que não era incómodo nenhum, dadas as circunstâncias. Ela explicou-lhes que o objetivo era prosseguir com as aulas, como de costume, mas estando preparados para falar da situação se as crianças fizessem perguntas. E era provável que fizessem. Bateram à porta e Jones, o auxiliar, entrou e anunciou que o aquecimento estaria a funcionar em breve. A diretora Simpson pediu-lhe para verificar se tinha sido espalhado sal no pátio. Ele lançou-lhe um olhar que dava a entender que o seu pedido era desnecessário. Quando as crianças chegaram à escola, a diretora estava ao portão para as receber. Os pais deixaram-se ficar depois de as crianças entrarem, a ver as portas ser trancadas. Alguns pareciam capazes de ali ficar o dia todo. Na paragem, as crianças mais velhas esperavam pelo autocarro para a escola, na vila. Já eram adolescentes. Era o dia de regresso às aulas, mas não estavam muito conversadores. Estava frio e tinham os capuzes a cobrir-lhes a cabeça. Durante todo o dia iriam fazer-lhes perguntas sobre a miúda desaparecida, como se eles soubessem mais alguma coisa do que aquilo que vinha nas notícias. Lynsey Smith disse que de certeza que a professora Bowman lhes iria perguntar se precisavam de desabafar. Fez um gesto com os dedos a sinalizar aspas à volta da palavra «desabafar». Deepak disse que pelo menos assim seria uma maneira de se livrarem da aula de Francês. Sophie desviou o olhar e viu Andrew à espera, na outra paragem,



com Irene, a mãe dele. Era da mesma idade que eles, mas andava numa escola especial. O autocarro chegou e James avisou Liam para não inventar merdas sobre a Becky Shaw. Começou a nevar e a neve formou uma camada espessa. Celebrou-se uma missa na igreja. A vigária pediu à polícia que mantivesse os jornalistas à distância. Qualquer pessoa era bem-vinda, explicou, mas não queria gravações de som nem de imagem, nem pessoas a levantar a mão para fazer perguntas. Não queria que se exibisse uma comunidade entregue à agonia da oração. Os sacristãos puseram cadeiras extra, mas mesmo assim ficaram pessoas de pé, ao longo das naves. Os homens que não estavam habituados a ir à igreja estavam de pé, com os chapéus dobrados nas mãos, encostados às extremidades dos bancos. Alguns estavam de braços cruzados, expectantes. Os fiéis passavam-lhes missais abertos na página certa. A vigária, Jane Hughes, disse que esperava que ninguém tivesse vindo em busca de respostas. Disse que esperava que ninguém pedisse para ser consolado. Não há consolo na situação em que nos encontramos hoje, disse. Não há consolo para os pais da rapariga nem para os familiares que tinham viajado até à aldeia para lhes dar apoio. Não há consolo para os polícias que estiveram envolvidos nas buscas. Podemos apenas ter fé na possibilidade de encontrar Deus entre nós neste momento de dificuldade. Apenas pedir que não nos deixemos submergir numa dor na qual não nos cabe comprazer-nos, mas antes que sejamos apoiados pela fé, permitindo-nos ajudar esta família em sofrimento em tudo o que formos chamados a fazê-lo. Fez uma pausa e fechou os olhos. Estendeu as mãos num gesto que esperava que evocasse a oração. Os homens que tinham os braços cruzados continuaram

com os braços cruzados. O sacristão tocou o sino três vezes e o som atravessou a manhã luminosa e percorreu o vale até à pedreira velha. No fim do mês, apareceu o sol e os campos tornaram-se aprazíveis. A calmaria era interrompida pelo ruído da neve fundente a cair dos telhados. Circulavam boatos, e nada mais do que boatos, sobre onde estariam os pais agora. Estavam desesperados, dizia-se.

Em fevereiro, a polícia organizou uma dramatização, trazendo atores de Manchester. Não tinham surgido mais pistas e queriam fazer um novo apelo à população. A imprensa teve permissão para entrar na quinta dos Hunter e deram-lhes instruções sobre o que poderiam filmar. Estava um dia claro e o frio era cortante. O assessor de imprensa pediu silêncio. Abriu-se a porta do antigo celeiro e apareceu um casal de 40 e poucos anos, seguido de uma rapariga de 13. A mulher era magra e tinha o cabelo cortado pela altura das orelhas. Vestia uma gabardina azul-escura e calças de ganga pretas justas metidas dentro de umas botas de pele até meio da perna. O homem era alto, magro, de cabelo preto cerdoso e usava óculos de massa pretos. Vestia um anoraque cinzento-escuro, calças de caminhada e sapatos pretos. A rapariga era alta para os seus 13 anos; tinha cabelo loiro escuro, pela altura dos ombros e um ar de irritação estudada. Vestia calças de ganga pretas, uma camisola branca com capuz, um colete azul-escuro e sapatos de lona. Entraram os três num carro prateado, estacionado à porta do antigo celeiro, e avançaram lentamente até à estrada. Os fotógrafos corriam ao lado do carro. No Centro de Informação Turística, os atores esperaram que os fotógrafos estivessem a postos antes de saírem

do carro e se dirigirem para a charneca. A rapariga foi-se deixando ficar para trás, e os atores que representavam os papéis de pais dela voltaram-se para trás três vezes para lhe dizer que se despachasse e se aproximasse deles, e a rapariga reagiu três vezes dando pontapés no chão e abrandando um pouco mais o passo. Os dois atores adultos deram as mãos e continuaram a andar, e a rapariga estugou o passo. Foi mais tarde confirmado que esta sequência de acontecimentos tinha sido retirada dos interrogatórios feitos pela polícia. Os dois adultos continuaram a caminhar até passarem a primeira colina e desaparecerem de vista, e uns momentos mais tarde a rapariga desapareceu de vista também. As câmaras fotografaram o ar vazio. O assessor de imprensa agradeceu a todos pela sua presença. Os três atores desceram a colina. A cimenteira voltou a funcionar e as estradas ficaram cobertas de pó prateado. Os comboios de mercadorias atravessaram o monte e percorreram a longa curva entre as árvores. Uma luz pálida estendia-se lentamente pela charneca, ficando presa nas ravinas inundadas e nas valetas e tornando-se mais nítida até as nuvens se juntarem no alto. Na margem do rio, perto da represa, ao pôr do sol, uma garça observava a água. De noite, uma neblina lenta desceu dos montes. Às quatro da madrugada Les Thompson já estava acordado, levando as vacas para serem ordenhadas do outro lado do pátio. Mais tarde, no mesmo dia, a vigária foi vista a conduzir na direção da quinta dos Hunter. Esteve lá dentro com os pais da rapariga desaparecida durante uma hora e quando saiu não falou com ninguém.

A investigação continuou. No fim de março, o tempo já tinha aquecido e os pais ainda estavam na quinta dos Hunter.

Não havia notícias. Jane Hughes foi vê-los uma vez mais numa certa manhã, e ao passar pela quinta dos Jackson viu Jackson e os filhos à porta da cabana onde pariam as ovelhas. Aparentavam ter estado a trabalhar arduamente, mas não viam qualquer necessidade de o admitir. Tinham canecas de chá e cigarros. Do interior da casa vinha o aroma do pequeno-almoço a ser cozinhado. Só quando viram as primeiras crianças a caminho da escola é que Will Jackson se lembrou que já devia estar na casa da mãe do filho, para o ir buscar e levar à escola. A carinha não pegava, por isso levou a moto-quatro, mas já sabia, mesmo antes de lá chegar, que a mãe do miúdo não iria gostar nada; que seria mais uma coisa para ela o reprimir. Quando chegaram à escola, os portões já estavam trancados e Will teve de chamar Jones, que estava na sala das máquinas, para os deixar entrar. Levou o miúdo até à sala de aula. A professora Carter aceitou os seus pedidos de desculpa, levou o miúdo até à carteira dele e perguntou a Will se não seria possível levar a turma a visitar a quinta quando nascessem os cordeiros. Ele disse que já tinham começado a nascer e ela pareceu surpreendida. Perguntou-lhe se não faltava ainda nascer alguns e ele disse que se ela quisesse organizar uma visita de estudo teria de fazer um pedido por escrito ao pai dele. Há semanas que ela não o ouvia falar tanto. Quando voltou ao pátio, os irmãos já estavam na cabana. Tinham perdido uma ovelha enquanto ele estivera ausente. Houve uma reunião na junta de freguesia. Brian Fletcher teve dificuldade em impedir as pessoas de se desviarem da ordem de trabalhos e acabou por admitir que era difícil concentrarem-se em questões de estacionamento numa altura como aquela. A reunião foi adiada. A polícia organizou

uma conferência de imprensa na sala de eventos do Gladstone e anunciou que estavam a tentar localizar o condutor de uma carrinha *LDV Pilot* vermelha. Os jornalistas perguntaram se o condutor era considerado suspeito, e o detetive responsável disse que estavam a ponderar todas as hipóteses. Os pais da rapariga estavam sentados ao lado do detetive, em silêncio. Durante a tarde, levantou-se vento e as nuvens foram empurradas para leste. Um melro esvoaçou pelo jardim do Sr. Wilson com erva seca no bico para fazer um ninho. Havia insetos debaixo das faias, por trás do beco, a comer fragmentos de folhas caídas. De noite, viam-se as luzes da autoestrada, a partir do monte, o vermelho e o branco a cruzar-se, e as nuvens a passar, por cima. A rapariga desaparecida tinha sido procurada. Tinha sido procurada em toda a parte. Tinha sido procurada nas urtigas à volta do velho carvalho no quintal dos Thompson. Tinham sido levantadas lajes de cimento e placas de madeira antes de as pessoas se afastarem, atravessando os portões. Tinham-na procurado na quinta dos Hunter, nas traseiras dos celeiros e nas garagens e nos barracões da lenha e nas oficinas, e nas matas e nas estufas e nos jardins. Tinham-na procurado na cimenteira; os edifícios enormes atravessados com inquietação, pessoas a espreitar vagamente por trás de paletes e empilhadoras e pelas salas de reuniões e pela cantina, as suas mãos e os seus rostos manchados de pó branco quando caminhavam como fantasmas pela estrada. De noite, sonhavam com os sítios para onde ela poderia ter ido. Sonhavam com ela a descer, vinda da charneca, com a roupa encharcada e a pele quase azul. Cada um sonhava ser o primeiro a chegar até ela, com um cobertor, para a trazer para casa, sã e salva.

\*

Em abril, quando se avistaram as primeiras andorinhas, os viandantes voltaram aos montes. No parque de estacionamento, enquanto punham as mochilas às costas, ouvia-se a sua conversa, especulando sobre a rapariga. Para que lado teria ido, até onde poderia ter ido. Se tivesse ido para norte, teria passado sobre a autoestrada ao cair da noite. Para leste, os reservatórios ter-lhe-iam bloqueado o caminho. Para oeste, teria chegado às extremidades, onde a urze e a terra terminavam num precipício, e o cascalho rolava pelo monte abaixo. O tempo que ela deveria ter apanhado. E com aqueles sapatos. Havia tantos sítios de onde se poderia cair. Como é que ainda não tinha sido encontrada, agora que os dias eram mais longos e o sol penetrava mais profundamente no vale e os primeiros fetos se erguiam da terra escura e fria por baixo das faias? De noite, os noticiários mostravam as mesmas imagens: uma fotografia, tirada do ar, da equipa de salvamento dispersa pela charneca; os mergulhadores dentro de água; os pais da rapariga a serem levados de carro; a fotografia dela. Na fotografia, estava vestida como na descrição e tinha o rosto ligeiramente de perfil. Dava a impressão de que ela queria estar noutro lado, diziam as pessoas. A mãe da rapariga voltou a receber a visita dos detetives. Às vezes havia perguntas novas. Na escola, antes de as crianças chegarem, a professora Carter encheu jarros de alumínio, provenientes da cantina, com água e dispôs neles ramos de salgueiro cheios de rebentos. Nas hortas brotavam os brócolos roxos; as suas cabeças eram demasiado fáceis de arrancar e o sabor era demasiado doce para ter uma colheita decente. Foram vistos agrimensores nos terrenos em redor de Stone Sisters. Corriam boatos de que trabalhavam para

uma pedreira. O Baile da Primavera esteve quase a ser cancelado, mas quando Irene sugeriu que as receitas revertissem a favor de uma instituição de beneficência dedicada a procurar crianças desaparecidas, ninguém foi capaz de discordar. Sally Fletcher ofereceu-se para ajudar na organização, depois de Irene ter olhado para ela enfaticamente durante bastante tempo. Os mergulhadores voltaram a equipar-se, submergindo no reservatório enquanto as garças voavam para longe. As árvores voltaram a dar folhas. Das nuvens pardas caiu uma chuva fraca sobre os campos.

\*

No talho, no fim de semana do Dia do Trabalhador, havia fila, mas nada que se comparasse com o que acontecera em anos anteriores. Nada como a fila de que Martin e Ruth precisavam para que a loja continuasse a funcionar. Martin mantinha este assunto em sigilo, embora se comesçasse a tornar cada vez mais óbvio e ninguém fizesse perguntas acerca disso. Irene estava no início da fila, a contar a toda a gente o que sabia acerca da situação na quinta dos Hunter. Ela fazia limpezas lá, e sabia certas e determinadas coisas. Nem imaginam como está a ser para os pais da rapariga, disse ela. Terem de nos ver aqui na aldeia a seguir com as nossas vidas para a frente. Ruth disse-o, mas não estão com certeza à espera que a gente pare com as nossas vidas. Austin Cooper chegou com exemplares da *newsletter Eco do Vale* e pousou-os no balcão. Ruth deu-lhe os parabéns e ele pareceu confuso durante um momento, antes de sorrir e se afastar na direção da porta. Irene ficou a vê-lo partir e perguntou se

a Su Cooper estava grávida. Ruth disse finalmente que sim, e do fundo da fila Gordon Jackson perguntou se havia hipóteses de serem atendidos antes de o bebé nascer. Um reboque desceu lentamente a rua estreita, transportando uma carrinha *LDV Pilot* vermelha, seguido por um carro de polícia. A carrinha estava envolta em plástico transparente. Martin limpou as mãos ao avental e saiu à rua para a ver passar. Gordon seguiu-o e acendeu um cigarro. Martin acenou com a cabeça. Assim o caso muda de figura, disse. É um avanço do caraças, é o que é, disse Gordon. As andorinhas voltaram em bandos, atravessando num voo rápido, pelas portas abertas, a cabana dos Jackson e o estábulo dos Thompson e os barracões na quinta dos Hunter. No comité da decoração dos poços discutiu-se se se deveria fazer ou não a decoração esse ano. Dadas as circunstâncias. Ninguém se lembrava de um ano em que não se tivesse decorado os poços. Mas nunca tinha havido um ano como aquele. Por fim, ficou assente que se faria a decoração, mas que seria um evento discreto. Houve quem dissesse ter visto a rapariga. Foi vista por Irene, primeiro, na ponte pedonal ao pé do salão de chá, a atravessá-la para o outro lado. Estava sozinha, disse Irene. Voltou o seu rosto jovem para o lado e não me olhou nos olhos. Foi-se embora antes de eu conseguir chegar ao pé dela e não vi que direção tomou. Sabia que era ela. A polícia foi informada e fizeram buscas, mas não encontraram nada. Nesse dia havia muitas famílias jovens na área, disse um porta-voz da polícia. Mas eu sei que era ela, repetiu Irene. Choveu e o caudal do rio subiu e a urze nos prados mais baixos deu flor, branca como a espuma. A cicuta-dos-prados cresceu densa nos carreiros e a sombra, sob as árvores, escureceu. O gado foi levado para



a parte mais alta dos montes e o salão de chá ao pé do lago abriu nessa altura. No barracão, os homens da quinta dos Thompson estavam a arranjar a enfardadeira, para ter a certeza de que estava tudo a postos quando chegasse a época da colheita. A erva estava alta, mas já há alguns dias que o tempo estava chuvoso. A chuva batia no telhado, ruidosa, constante. Os reservatórios estavam cheios.

\*

A carrinha tinha sido encontrada por trás de uns armazéns no Reservatório 7. Tinham sido feitas buscas naquela zona nos dias a seguir ao desaparecimento da rapariga, o que significava que o mais provável era que a carrinha lá tivesse sido colocada mais tarde. Alguém podia ter visto aquela carrinha em movimento. Alguém podia lembrar-se de quem guiava aquela carrinha. A polícia apelou para que as testemunhas entrassem em contacto e, entretanto, estava a tentar localizar o proprietário do veículo. A matrícula era falsa e o número de identificação do chassis tinha sido apagado. A carrinha tinha sido retirada do local e submetida a exames forenses exaustivos. Uma sensação crescente de normalidade tinha começado a instalar-se nestas conferências de imprensa. As cadeiras eram dispostas na sala, as câmaras montadas nos sítios do costume. Havia um certo cansaço relativamente a estes procedimentos. Aquilo que não era dito ganhava importância. A sala ficava vazia e as cadeiras eram empilhadas. O chão era varrido e as luzes eram desligadas, e Tony voltava para o *pub*. O funcho selvagem brotou, viçoso como os fetos, no abrigo da velha pedreira, e quando

Winnie foi apanhar uns ramos, voltou a encontrar preservativos com as pontas atadas no chão. O que a surpreendia era o nó. Um homem de anoraque cinzento-escuro, com um capuz na cabeça, foi visto ao fundo do Reservatório 8, onde permaneceu durante muito tempo antes de se voltar e caminhar na direção das árvores. Martin Fowler foi à unidade policial instalada na praça central e disse o que sabia sobre o condutor da carrinha vermelha. Isto aconteceu depois de ter uma conversa com Tony. Martin tinha mencionado que sabia que o homem se chamava Woods, e Tony perguntou-lhe porque é que ele ainda não tinha dito isso à polícia. Martin disse que o gajo não era aquele tipo de pessoa de quem se gostasse de falar à polícia. Tony tentou persuadi-lo. Havia falhas na história e Martin falou com a polícia sobre Woods. As falhas tinham a ver com ferro-velho, caça furtiva e *diesel* ilegal. Sabia-se que Woods tinha estado envolvido nestas atividades, e Martin também tinha participado uma ou outra vez. A polícia não quis saber. Só queria saber onde estava Woods, e porque é que a carrinha tinha sido escondida, e porque é que tinha sido vista na altura em que a rapariga desaparecera. Martin estava relutante, mas conseguiram obter a informação. Mais tarde, no *pub*, teve uma conversa tensa com Tony acerca das repercussões daquilo. Woods é um tipo que aprecia a discricção, disse ele. O homem tem amigos perigosos. Só para que saibas no que é que me foste meter. Martin, vá lá, meu. Ela tinha treze anos. Pensa bem. Tu é que não conheces o Woods, disse Martin. Mas se conhecesse tinha ido à polícia mais depressa do que tu foste, disse-lhe Tony. Olharam um para o outro enquanto Martin acabava a sua bebida e depois saiu do *pub*. Ao fim do dia divulgaram a fotografia nas notícias.

A polícia disse que gostaria de eliminar o homem da sua investigação. No pavilhão de críquete, os adolescentes reuniram-se para beber. Sophie Hunter tinha uma garrafa de vinho que havia tirado às escondidas da adega dos pais, e que iria levar anos até eles darem pelo seu desaparecimento, disse. Demoraram muito tempo a tentar abri-la, e Liam acabou por usar uma chave de fendas para empurrar a rolha para dentro da garrafa. Estavam outra vez a falar da rapariga. James Broad questionou-se se eles não deveriam dizer alguma coisa, pensando melhor. Os outros disseram-lhe que não valia a pena. Já tinham discutido a questão. Não ia fazer diferença, disse Lynsey. E foi-se embora. Ia só ser uma merda para todos. Não eras tu que lá estavas, disse James. Foi só uma confusão, disse Deepak. Não fizeste nada de mal. Ficaram sentados nos degraus do pavilhão a beber o vinho e a perguntar uns aos outros se já tinha batido. Nenhum deles sabia muito bem como deveria sentir-se. Quando acabou o vinho, há muito que tinham parado de falar. Sophie escondeu a garrafa debaixo da escada do pavilhão e foram todos para casa. Estava um tempo inesperadamente quente e eles esbarraram uns nos outros mais do que uma vez. E não se aperceberam de que estavam a falar mais alto do que o costume.

Os pais da rapariga foram vistos perto do Centro de Informação Turística, a subir o monte com dois detetives. Ao longe, os seus movimentos pareciam rígidos e lentos. Fizeram um longo desvio em redor do sítio onde ela tinha sido vista pela última vez. As bandeiras tinham sido retiradas e não havia nada a marcar o local. Ninguém saberia onde era, se não o soubesse já de antemão. Seguiram o velho trilho de cavalos que passava por

Black Bull Rocks e desembocava nos reservatórios. Estiveram ausentes quase toda a tarde e quando voltaram havia fotografos à sua espera no parque de estacionamento. Tinham passado mais de seis meses e ainda não havia nada. Nem pegadas, nem roupa, nem suspeitos, nem nada que se visse na videovigilância. Era como se a terra a tivesse engolido. Os jornalistas usavam essa expressão como metáfora ou hipérbole; as pessoas da aldeia sabiam que era uma coisa que podia acontecer. Começaram a surgir perguntas sobre quanto tempo mais iriam os pais ficar por ali. Os Hunter tinham cancelado as reservas todas para o antigo celeiro, mas não se sabia quanto tempo aquilo poderia durar. Era raro ver-se os Hunter e, se sabiam alguma coisa, não o partilhavam com ninguém. Sabia-se que a vigária Hughes os visitava. Foram deixadas mais flores e velas no Centro de Informação Turística, e foi abordada a questão do que fazer com elas. Sabia-se que o pai da rapariga tinha sido visto na rua, a caminhar. Não se sabia com que intuito. Irene disse que ele estava muito em baixo, e perguntaram-lhe como é que ela esperava que o homem estivesse. Encontraram Woods a trabalhar como segurança num estaleiro de construção civil em Manchester. Foi preso e interrogado longamente. Nada o ligava à rapariga desaparecida e ele tinha um álibi para a noite em questão. No final de contas, descobriu-se que a carrinha que fora vista não era a dele. Foi libertado e imediatamente preso, com uma série de outras acusações de furto e tráfico. No prado de feno a sul da igreja, bandos de faisões selvagens caminhavam pela erva, as mães orientavam as crias com bicadas e pios, e bandos inteiros dispersavam ao menor ruído. Cathy Harris caminhou na orla do prado e atravessou o rio com o cão do Sr. Wilson.

Ao entrar no bosque, soltou o cão da trela e esgueirou-se por entre a cerca. As pessoas queriam que a rapariga voltasse, para lhes poder dizer onde tinha estado. Ela podia ter desaparecido de muitas maneiras e as pessoas pensavam muito nisso. Ela podia ter descido o monte a correr e um homem podia ter parado para lhe dar boleia e tê-la levado e enterrado o corpo num matagal denso ao pé de um acesso à autoestrada a mais de 150 quilómetros a norte, onde ela ainda estaria sepultada na terra fria e húmida. Sonhavam que ela voltava para casa a pé. Que caminhava pela berma da autoestrada, que caminhava pela charneca, que saía de um dos reservatórios, emergindo da água cinzenta-escura com o cabelo a escorrer água e a roupa coberta de longas algas verdes.

Nos últimos dias de agosto fez um calor intenso, e tudo o que tinha de se mexer mexia-se com lentidão. Nas hortas, os canteiros estavam cheios de feijões e curgetes, e as plantas espalhavam as suas folhas pelos carreiros. As abelhas voavam, gordas, aos zigzagues, entre as flores, e as lesmas empanturravam-se. Os primeiros cordeiros estavam prontos para ser vendidos e os irmãos Jackson andavam muito ocupados a seleccioná-los e a colocá-los no atrelado. No campo de críquete, perderam o jogo anual contra o Cardwell. A mãe da rapariga ia à igreja de vez em quando. Chegava mesmo antes de a missa começar, a vigária acompanhava-a até um lugar na coxia, que lhe estava reservado, e saía durante o hino no fim da missa. Estava assim combinado. Jess Hunter esperava por ela no carro, por vezes. As pessoas percebiam que não a deviam incomodar. No momento da partilha da paz, ela dava um breve aperto de mão, com um

sorriso que uns diziam parecer defensivo e outros consideravam ser de gratidão. No fim do verão, os adolescentes organizaram a sua própria busca. Foi ideia de James. Podiam subir pela charneca, ir até ao Reservatório 13, inspecionar todos os sítios que conheciam e de que a polícia não se devia ter lembrado. Se encontrassem alguma coisa, apareceriam nas notícias. Liam disse que podiam levar umas cervejas, fazer uma festa. Fazer as cervejas desaparecer também. Lynsey disse que era má onda fazer piadas. Saíram cedo, Liam e James e Deepak, Sophie e Lynsey, tendo cada um contado aos pais uma história diferente, encontraram-se no parque de estacionamento perto dos lotes de terreno e cortaram caminho pelo bosque de faias enquanto o ar da manhã ainda estava fresco. Tinham as suas opiniões sobre o que tinha acontecido a Becky, tendo em conta o que sabiam acerca dela, o que achavam que eles próprios seriam capazes de fazer se estivessem na mesma situação e o que sabiam sobre o terreno. Tinham-na visto no verão anterior, quando a família passara quinze dias na quinta dos Hunter, e tinham passado mais tempo com ela do que as pessoas pareciam saber. Isso fazia com que se sentissem envolvidos. Ao meio-dia, já o seu passo vacilava sob o calor e pararam num cruzamento. No sopé do monte havia um celeiro em ruínas onde Jackson guardava ração e equipamento. Tinham sede e partilharam as duas únicas latas de cerveja que tinham conseguido arranjar. Havia grilos na urze e um besouro percorreu a mão de Lynsey. As ovelhas entravam e saíam do celeiro, empurrando-se umas às outras, à procura de sombra. Fizeram buscas ali?, perguntou Deepak. Claro, disse Liam. Eu procurei também. Pedi emprestada uma daquelas câmaras de termografia; nada. Deepak deu-lhe um

estalo, como sempre fazia quando ele dizia tretas. Já procuraram em todo o lado, disse James; o que é que nós estamos aqui a fazer? Ninguém respondeu. Lynsey e Sophie já estavam de olhos fechados, e a pele de Sophie estava a começar a ficar queimada sob o sol do meio-dia. As borboletas alimentavam-se na urze. Um avião atravessou o céu. Que horas são?, indagou Liam. Deve ser meio-dia, disse James, de olhos fechados, adivinhando. A urze brotava, firme, sob o seu corpo. Estavam todos deitados mais perto uns dos outros do que era costume. O estômago de um deles fez um ruído e nenhum deles o mencionou. Ouvia-se, ao longe, o barulho do trânsito e da maquinaria das quintas. Adormeceram. A certa altura, James viu um homem a subir o carreiro na direção deles, golpeando a urze com um pau, e quando passou por eles pareceu não reparar nos cinco adolescentes ali deitados. Trazia vestido um anoraque cinzento-escuro. James levantou-se e cumprimentaram-se um ao outro acenando com a cabeça, e James quis dizer que lamentava o que tinha acontecido à filha dele, mas a única coisa que lhe saiu foi *lamento*. O homem acenou novamente com a cabeça e seguiu o seu caminho. Mais tarde, James interrogou-se se aquilo teria realmente acontecido. Estava demasiado calor para andar com um anoraque vestido. À tarde, subiram os cinco ao cimo do monte com vista para o Reservatório 8 e constataram que afinal Liam tinha trazido *vodka*. Encontraram a entrada de uma mina que não tinham visto antes e entraram, com tochas, deixando um rasto na lama para marcar o caminho e pregando sustos uns aos outros. Quando se sentiu muito assustada, Lynsey agarrou o braço de Deepak. Quando saíram já tinha anoitecido e ficaram desorientados e desceram do lado errado do monte.

Quando finalmente chegaram a casa, descobriram que se tinham metido em mais sarilhos do que alguma vez tinham imaginado. Os seus pais estavam furiosos, abraçaram-nos com muita força, e estavam lá polícias à sua espera para terem uma conversa séria com eles.

Su Cooper redecorou o quartinho do apartamento deles, por cima dos estábulos renovados e convertidos em apartamentos, para estar pronto quando chegassem os gémeos. Austin tinha-se oferecido para a ajudar, mas ela dissera-lhe que ele já tinha bastante que fazer com o *Eco* e que ela só queria ver aquilo terminado rapidamente. Ele perguntara-lhe se ela queria dizer alguma coisa com isso. Ela pendurou umas cortinas com animaizinhos nas janelas e demorou menos tempo a montar o segundo berço do que o primeiro, e fixou ganchos no teto para pendurar móveis. Dobrou a roupinha branca e arrumou-a nas gavetas, empilhou fraldas no cimo do armário e dispôs brinquedos numa estante. O quarto era pequeno, mas aparentemente conseguia conter tudo aquilo de que os bebés precisariam. Era um apartamento pequeno. Aquele local tinha sido anteriormente o dormitório dos empregados da cavalaria. Não tinha sido concebido para ser uma casa de família. Mas Su e Austin tinham-na adorado desde o princípio e estavam determinados a fazer com que resultasse. Ela tinha trazido cestinhos para arrumar as coisas, que guardou debaixo dos berços. Sabia que era um risco preparar com tanto cuidado o quarto assim tão cedo. Havia quem fosse supersticioso com estas coisas. Sabia que a mãe não iria aprovar. Mas queria fazê-lo. Queria estar pronta. Ainda não conhecia suficientemente bem as pessoas para partir do princípio de que a ajudariam.



Não sabia se Austin estaria à altura do desafio. Suspeitava que talvez não estivesse. Suspeitava que ele era o tipo de homem que ficaria a olhar para o bebé, embevecido, sem perceber que ele precisava de mudar a fralda ou de comer. Iria sustentá-los e zelar por eles, isso ela sabia. Tinha esperado até ter a certeza disso. Mas ele não tinha a mínima ideia do que era necessário fazer. Ela estava preparada para isso. Ele era um homem sentimental e, no que dizia respeito a tudo o que não fosse escrever, editar e publicar, completamente desprovido de sentido prático. Deu corda aos móveis dos bebés e escutou o zunido das melodias, vendo os caracóis e os sapos a andar à roda, ao sol. Tinha saído e fechado a porta antes de a música parar. No bosque de faias, os texugos comiam rapidamente, acumulando gordura para o inverno que se aproximava. Vasculhavam os montes de folhas, farejando e embatendo uns nos outros, e descobrindo minhocas e frutos caídos. O seu corpo peludo começava a inchar. O rio remoinhava por baixo da ponte pedonal e corria até às represas perto do moinho.

Atrasaram-se os relógios e as noites tornaram-se mais longas e os dias mais curtos. Os adolescentes saíam da paragem do autocarro e regressavam a casa na escuridão. Um homem que correspondia à descrição do pai da rapariga desaparecida foi visto a caminhar cada vez mais longe da aldeia, no lado mais afastado da floresta de Ashbrook, para lá do último dos 13 reservatórios. Havia quem dissesse ter visto um homem com um anoraque cinzento-escuro a caminhar na berma da autoestrada. Grandes extensões de fetos perdiam a cor do outro lado do monte. Sonhavam que a rapariga desaparecida era encontrada, de barriga para baixo, numa poça, e que a rapariga era levada para

casa em segurança. O Dia das Bruxas passou e não foi tão bom como nos outros anos. Ninguém parecia estar na disposição de celebrar, com exceção da pessoa que encheu a cabine telefónica de balões. Os irmãos Jackson levaram o rebanho para o pasto e passaram o dia a tosquiar o pelo à volta das caudas, a prepará-las para serem cobertas. Na escola, as luzes acenderam-se mais cedo, e saía fumo negro da casa da caldeira. Na sala de professores, a professora Carter estava a rever o plano de aulas semanal com a diretora Simpson, que, quando terminaram, lhe perguntou como se estava a dar. A professora Carter acenou rapidamente com a cabeça e disse que estava tudo a correr bem, mas que estava a ter alguma dificuldade em conhecer todas as pessoas. A diretora Simpson riu e disse que sabia muito bem o que ela queria dizer e perguntou-lhe se já tinha colocado fotografias nas fichas para a ajudar a lembrar-se. A professora Carter disse que não se estava a referir às crianças. Pensei que queria saber como é que me estou a dar aqui na aldeia, disse. A diretora Simpson desculpou-se e disse que para evitar confusões a professora Carter devia ficar a saber que ela nunca fazia perguntas sobre a vida privada dos professores. Só nos preocupamos com aquilo que acontece dentro destes portões, disse.

Nos reservatórios, as barragens foram inspecionadas mais uma vez e foram identificadas as zonas problemáticas. No lusco-fusco, os pombos-torcazes juntaram-se nos poleiros.

\*

Em novembro, Austin Cooper e a mulher trouxeram para casa os gémeos. Subiram as escadas que conduziavam ao seu apartamento,

por cima do antigo estábulo, com os bebés ao colo. Quando se voltou para fechar a porta, Austin parou na soleira por um momento, olhando para a rua, como se esperasse ouvir um aplauso — ou talvez o tivesse realmente ouvido. Era merecido, sentia ele. Nunca imaginara estabelecer uma relação de amizade tão profunda como a que tinha com Su e, passados dez anos, a chegada dos gémeos era o tipo de prémio que há muito se comenetrara que não deveria ter esperança de alcançar. Em algum momento, em alguma vida, ele devia ter feito algo corretamente. Irene viu-o fechar a porta, viu a luz forte a brilhar nas suas janelas, e lembrou-se do momento em que trouxe o seu Andrew para casa, há uns 14 anos atrás. Mas quando chegou ao Gladstone e contou às pessoas, os únicos comentários que estas fizeram foram: Caramba!, e aqueles degraus, como é que a desgraçada vai conseguir carregar o carrinho de gémeos para cima e para baixo naqueles degraus? Austin não dormiu nessa primeira noite. Fez umas bebidas quentes para Su enquanto esta falava ao telefone com os pais e com os amigos e lhes dava as notícias, uma e outra vez, e mais tarde entrou e saiu repetidamente do quarto para ver o resto da sua família a dormir, e por fim deitou-se ao lado de Su e ficou a ouvir os diferentes sons que cada um fazia a respirar no quarto: a respiração longa e ritmada de Su; a respiração superficial e rápida dos gémeos, como se tivessem acabado de vir à superfície respirar. De noite, houve choros e vigília e mamadas e mudanças de fraldas, mas no meio de tudo isto houve momentos em que a respiração era o único ruído no quarto e Austin sentiu que bastava ficar acordado para os manter a todos em segurança. Era a única coisa que tinha de fazer agora. De noite, quando Su estava ao telefone com os pais, ele tinha

tentado captar alguma coisa do que ela dizia. Conhecia as palavras «mãe» e «pai» e «filhos», mas para além disso estava perdido. Pensou reconhecer a palavra «feliz», mas Su falava tão depressa com os pais que não tinha a certeza. Supôs que ela estivesse feliz. Ela parecia, acima de tudo, cansada. Tinham esperado tanto tempo por isto; ela tinha-se esforçado tanto, e agora todo o esforço do seu corpo tinha ficado sem um destino útil. Parecia uma espécie confortável de cansaço, um alívio. Ele percebeu logo, pela forma como ela segurava os gémeos e como se movimentava em seu redor, ou como se inclinava ou fazia pequenos ajustes enquanto os tinha ao colo, que ela sabia exatamente o que tinha de fazer. E que o sabia sem sequer ter ficado surpreendida. Era uma das coisas que o surpreendia constantemente em Su, esta equanimidade. Como se ela soubesse desde sempre que a vida ia ser assim. Logo na primeira noite que passaram juntos, a expressão que tinha no rosto na manhã seguinte parecia dizer, bom, é claro que isto aconteceu. De que é que estavas à espera? De manhã cedo, acenderam-se as luzes no rés do chão, onde Austin tinha renovado os estábulos para os transformar na redação do *Eco do Vale*. A luz branca contrastava fortemente com a da aurora e o topo da cabeça dele era vagamente visível pela janela, enquanto trabalhava nas últimas páginas do próximo número, acrescentando uma coisa à coluna dos anúncios, tendo, ao mesmo tempo, o cuidado de não abusar da sua posição. E quando aquele número do *Eco* apareceu nas caixas de correio e nos balcões das lojas na semana seguinte, havia apenas estas linhas, para aqueles que não estavam ainda ao corrente: *Su Lin Cooper e Austin Cooper comunicam o nascimento dos seus filhos gémeos, Han Lee Lin e Lu Sam Lin, e agradecem a todos os seus amáveis votos.*

\*

Na escola, as luzes do auditório foram ligadas muito cedo. Decorriam os preparativos para a festa de Natal. Jones tinha apanhado ramos de azevinho e abetos no bosque, e a diretora Simpson estava de joelhos a dispô-los em volta do presépio. A professora Carter pediu a Jones que segurasse o escadote enquanto ela pendurava as fitas decorativas. A professora French não pôde deixar de reparar, olhando para o outro lado da sala a partir da parede que estava a decorar com desenhos de pastores e ovelhas feitas de algodão, que a professora Carter envergava uma saia. E também que Jones não estava a olhar para baixo. Não gostava de interferir, mas achou melhor pedir a Jones que arrumasse as cadeiras. Quando a professora Carter olhou para baixo e viu que não estava ninguém a segurar o escadote, ficou muito quieta, olhou fixamente para a parede à sua frente e tentou não pensar que Jones tinha encerado o chão há pouco tempo. Deu por si a pensar no pai de Tom Jackson, Will, e que este não deveria ser certamente o tipo de homem que largaria um escadote sem avisar. Segurou-se com força. Na igreja cantavam-se canções de Natal, as velas estavam acesas e cheirava a teixo e azevinho acabados de cortar. Olivia Hunter cantou um verso a solo de *Noite de Paz*. Tinha oito anos de idade e uma autoconfiança cega. Tremeu-lhe um pouco a voz na parte de «Tudo dorme, em redor. Entre os astros que espargem a luz», e no fim do verso fez um sorriso rasgado enquanto esperava que o resto da congregação se juntasse à canção. No Centro Comunitário estreou finalmente a encenação de *João e o Pé de Feijão*. O guarda-roupa e os cenários eram os mesmos do ano anterior, e a maior parte dos atores representava de bom grado os mesmos papéis. A sala

estava cheia. Lynsey Smith tinha crescido muito nesse ano e já não tinha o mesmo ar arrapazado de quando lhe tinha sido atribuído o papel. Mas ela subiu ao pé de feijão com a dose certa de imprudência, e quando desapareceu pelas vigas do teto, escondidas por cortinas, Cathy Harris, que fazia de mãe de João, representou muito bem o papel de mãe desolada. A seguir, as cadeiras foram arrumadas, o bar aberto e foram servidas *mince pies*. Richard Clark foi visto entre o público pela primeira vez em muitos anos. Tinha vindo passar uns dias em casa da mãe. Só tinha chegado depois de as irmãs lá terem estado e partido, ao que a mãe já estava habituada, e antes do fim do ano já se encontrava fora do país. Era um homem muito ocupado. Havia anos em que ela se dava por contente se o visse apenas uma vez. Parecia que vivia com a casa às costas, e isso não era vida para ninguém, sobretudo porque já o fazia há muitos anos. Durante o tempo em que ele lá esteve, mal tinham conseguido sentar-se a conversar, e quando ele partiu em direção ao aeroporto, ela nem sabia para onde é que o filho ia. Era consultor, era só o que sabia. Parecia que tinha uma namorada nova, mas não lhe tinha dito o seu nome. Quando ele partiu, ela mudou a cama e abriu a janela para arejar o quarto, e o som dos sinos da igreja entrou pela casa dentro. Estavam a celebrar outra missa para assinalar o aniversário do desaparecimento da rapariga. Desta vez não tinham colocado mais cadeiras do que era habitual e ninguém ficou de pé ao fundo da igreja. Jane Hughes repetiu muitas coisas que havia dito no ano anterior. E ainda não temos respostas, e a única coisa que podemos fazer é esperar. Fechou os olhos e estendeu as mãos e deixou que se fizesse silêncio. O nome da rapariga desaparecida era Rebecca, ou Becky, ou Bex.

Tinha 13 anos quando desapareceu. Vestia uma camisola branca com capuz e um colete azul-escuro, calças de ganga pretas e sapatos de lona. Teria agora mais de 1,52 m de altura e o cabelo poderia ter outro corte ou cor. A investigação continuava ativa, confirmou um porta-voz da polícia. A mãe da rapariga foi vista próximo da charneca, a caminhar pelos mesmos carreiros e trilhos de sempre. Vinha aí mais chuva, ou um tempo ainda pior. Um vento frio arrastava as sombras ao longo dos reservatórios e, mais acima, nos montes, remoinhos de neve fina embatiam nas copas das árvores. As estrelinhas-de-poupa comiam, muito concentradas, pousadas nos ramos do teixo da igreja.

## Vencedor do Prémio Costa 2017

Inverno, centro de Inglaterra. Uma adolescente de férias desaparece nas colinas, nas proximidades das pedreiras e dos reservatórios de água espalhados pelos terrenos. Os habitantes da aldeia mais próxima juntam-se às buscas, vasculhando os prados enquanto a Polícia monta barreiras nas estradas e uma multidão de jornalistas acorre ao local, interrompendo a calma e o silêncio do campo. Ainda assim, a vida retoma lentamente, absorvendo o drama no falso movimento das estações que se sucedem, no alongar e encurtar dos dias, no ritmo próprio da natureza. Os anos passam. As buscas continuam, mas o vazio deixado pelo desaparecimento de Rebecca Shaw é preenchido por outros acontecimentos do quotidiano da aldeia: o cultivar dos campos, o mungir das vacas, as doenças, as amizades, os amores e desamores, a morte: uma farsa bem ensaiada pelo efeito do tempo.

Romance pleno de poder narrativo e inventividade, *Reservatório 13* explora os ritmos do mundo natural e o dom humano para a repetição de atos violentos, à medida que a memória da tragédia de uma desconhecida se recusa a desaparecer.

**«Uma proeza extraordinária.»**  
*The Guardian*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras <b>20 20 editora</b>	ISBN 978-989-8864-42-0  9 789898 864420 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	